

BIBLIOTECA DE CONHECIMENTO DE TRADING

# O Mercado que Não Tem Tendência

Ação do Preço



## O Mercado que Não Tem Tendência

O intervalo como distribuição, e o rompimento que paga tudo

Publicado por **Trading Papers**

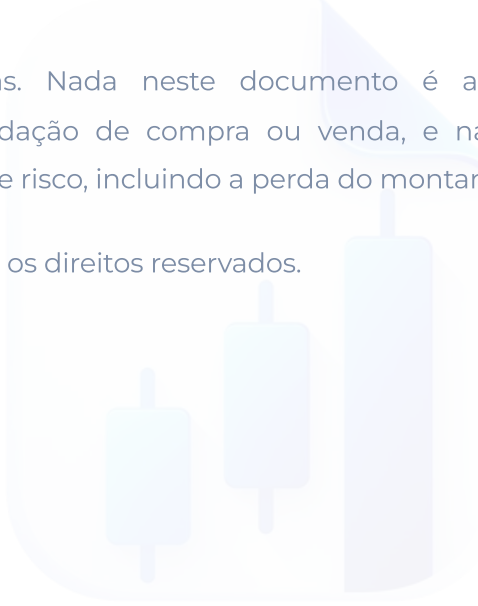
Coleção **A biblioteca de conhecimento de trading**

Edição **Primeira edição · 2026-08-26**

Formato **A4 · digital**

Conteúdo educativo apenas. Nada neste documento é aconselhamento financeiro, nenhuma parte é recomendação de compra ou venda, e nada aqui conhece as suas circunstâncias. Operar envolve risco, incluindo a perda do montante investido.

© 2026 Trading Papers. Todos os direitos reservados.



# Trading Papers

## Índice

|           |                                        |           |
|-----------|----------------------------------------|-----------|
| <b>01</b> | Um estado que só se pode nomear depois | <b>4</b>  |
| <b>02</b> | O que a maior parte do tempo conta     | <b>5</b>  |
| <b>03</b> | O limite é uma zona                    | <b>6</b>  |
| <b>04</b> | Com que frequência o limite aguenta    | <b>8</b>  |
| <b>05</b> | O espelho                              | <b>9</b>  |
| <b>06</b> | A altura contra o custo                | <b>10</b> |
| <b>07</b> | A operação que não paga nada           | <b>12</b> |
| <b>08</b> | Onde vai o stop                        | <b>13</b> |
| <b>09</b> | O tamanho e a cauda esquerda           | <b>14</b> |
| <b>10</b> | Como se sente por dentro               | <b>16</b> |
| <b>11</b> | Que mercados estão mesmo em intervalo  | <b>17</b> |
| <b>12</b> | Quando o intervalo acaba               | <b>18</b> |
| <b>13</b> | Contá-lo por si                        | <b>20</b> |
| <b>14</b> | O que isto não resolve                 | <b>21</b> |

## 01

## Um estado que só se pode nomear depois

A primeira coisa a resolver sobre intervalos não é como operá-los mas quando começam a existir, porque a resposta chega mais tarde do que alguém os desenha.



O momento em que um intervalo passa a ter nome, e quanto dele já aconteceu até lá. O primeiro toque é um nível. O segundo é uma coincidência. Só no terceiro é que um leitor lhe chama intervalo, e o trecho sombreado à sua esquerda é a parte que já tinha acabado.

Um nível tocado uma vez é um nível. Tocado duas vezes é uma coincidência com uma boa história atrás. Torna-se intervalo no terceiro toque, quando o limite devolveu o preço vezes suficientes para um leitor nomear o padrão, e nessa altura o trecho sombreado à esquerda daquela figura já aconteceu.

| Depois de      | O que sabe                     | O que resta                            |
|----------------|--------------------------------|----------------------------------------|
| um toque       | um nível foi alcançado uma vez | tudo, mas nada está confirmado         |
| dois toques    | virou ali duas vezes           | quase tudo, e a segunda pode ser acaso |
| três toques    | o limite aguentou              | metade da vida do intervalo            |
| quatro ou mais | o limite está bem estabelecido | a parte mais próxima do rompimento     |

O que custa esperar pelos três toques. Leia a coluna da direita: quando o padrão já tem nome, a maior parte do movimento que o definiu foi entregue, e quem agiu mais cedo agia sobre algo que ainda não era um intervalo.

Leia a coluna da direita de cima a baixo. Cada linha compra certeza e gasta oportunidade, e a taxa de câmbio é fixada pelo padrão, não pelo operador. Não é um defeito do método de ninguém. Um intervalo é uma afirmação sobre repetição, e a repetição não se observa à primeira.

A consequência percorre o resto deste documento. Todo o intervalo que opera é um que reconheceu tarde, o que significa que as operações disponíveis são os toques tardios, e os toques tardios são os mais próximos do rompimento. O método não pode escolher a metade boa.

Este documento pressupõe uma regra de pontos de reversão, que o documento sobre a estrutura resolve, e a contagem de comprimentos, que o primeiro documento desta coleção resolve. Nenhum se repete aqui.

## 02

### O que a maior parte do tempo conta

Diz-se que os mercados andam em intervalo a maior parte do tempo. O número associado costuma ser setenta por cento, às vezes oitenta, e é citado como se fosse uma propriedade dos mercados.

|                              |             |                                   |
|------------------------------|-------------|-----------------------------------|
| Movimento direcional > 1%    | <div></div> | «o mercado anda em intervalo 71%» |
| Movimento direcional > 3%    | <div></div> | os mesmos dados, uma fasquia ma   |
| Três pontos a subir seguidos | <div></div> | estrutural, não por tamanho       |
| Acima de uma média de 200    | <div></div> | outra pergunta por completo       |

A percentagem famosa, recontada de quatro maneiras sobre os mesmos dados. A única coisa que mudou entre estas linhas é a regra do que conta como tendência, e a resposta move-se mais de trinta pontos.

Aquelas quatro linhas são os mesmos dados. A única coisa que mudou é a regra do que conta como tendência, e a resposta vai de trinta e nove a oitenta e quatro. Um número que

se move quarenta e cinco pontos com uma definição não descreve o mercado.

| A regra                        | O que pergunta na verdade            | Sensível a                       |
|--------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------|
| O movimento excede x%          | se o preço percorreu distância       | o limiar, por inteiro            |
| Pontos num sentido             | se a estrutura avançou               | a regra dos pontos de reversão   |
| Preço contra uma média         | se o preço está acima do seu passado | o comprimento da média           |
| Volatilidade abaixo da mediana | se o mercado está calmo              | a amostra de onde veio a mediana |

Porque essas quatro discordam. Cada linha é uma regra defensável e cada uma mede coisa diferente, por isso o número tão citado não é um facto sobre os mercados. É um facto sobre a regra que quem o cita usou.

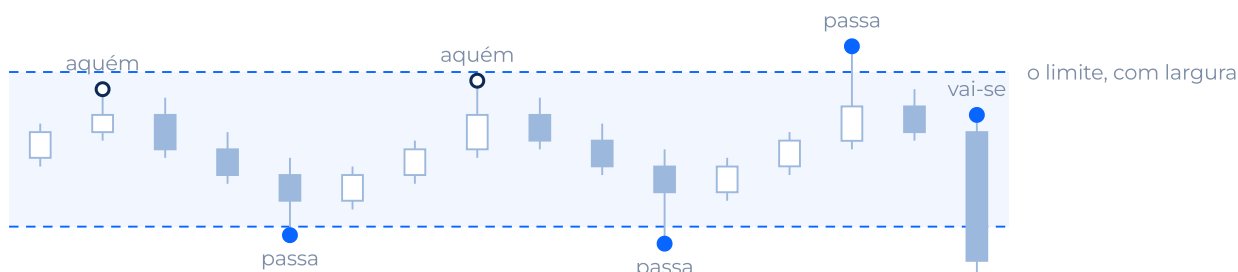
A terceira coluna é onde cada regra guarda o seu pressuposto. Um limiar percentual esconde-se no limiar; uma regra estrutural esconde-se na definição de ponto de reversão; uma regra de média esconde-se no seu comprimento. Nenhuma está errada, e não há duas que respondam ao mesmo.

Por isso a versão útil da afirmação é mais estreita e vale mais. No seu instrumento, sob a sua regra escrita, certa proporção das velas está dentro de um intervalo que poderia ter nomeado na altura. Esse número pode produzi-lo, e este documento trata do que fazer depois de o ter.

### 03

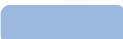
## O limite é uma zona

Um operador desenha o limite como uma linha porque uma linha é o que cabe num gráfico. Os toques não caem sobre ela.



Seis toques num limite, desenhados ao preço que cada vela realmente atingiu. Dois ficaram aquém, três atravessaram e voltaram, um seguiu. Um desenho que reduzisse isto a uma linha apagaria a única coisa que vale a pena saber.

Seis toques num limite, cada um desenhado ao preço que a sua vela realmente atingiu. Dois viraram antes de chegar, três passaram e voltaram, e o último seguiu. A linha está algures no meio dessa dispersão, e nunca foi a fronteira.

|                                  |                                                                                      |                              |
|----------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|
| <b>Fica aquém da linha</b>       |  | a ordem nunca executa        |
| <b>A meia vela dela</b>          |  | o caso limpo                 |
| <b>Passa e volta para dentro</b> |   | saltou o stop, e tinha razão |
| <b>Passa e vai-se</b>            |   | o rompimento                 |

Onde os toques caem de facto, sobre duzentos deles num instrumento. A linha que um operador desenha é a moda desta distribuição, não a sua fronteira, e quase um terço dos toques acaba do outro lado.

Sobre duzentos toques a forma é estável. Cerca de um terço não chega à linha, cerca de um terço chega limpo e cerca de um terço acaba do outro lado. O terceiro grupo é onde o método se decide, porque são as operações que saltam o stop e depois se revelam ter tido razão.

É esse o conteúdo prático de chamar zona ao limite. Um stop na linha está dentro da distribuição do comportamento corrente, por isso será atingido por toques que estavam prestes a funcionar. A largura da zona é um número que pode medir, e medi-la é aquilo de que a secção do stop mais à frente depende.

## 04

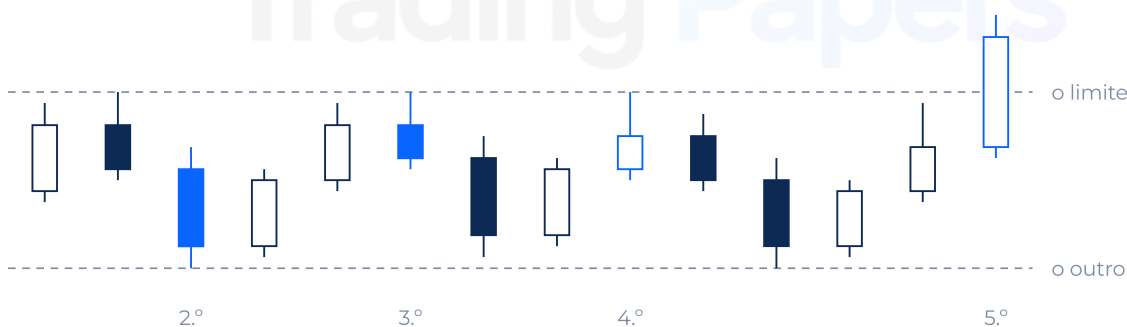
## Com que frequência o limite aguenta

Tudo o anterior tratava de reconhecer o padrão. O método assenta num número, e é a proporção de toques que viram.

| Número do toque | Aguentou     | O que significa                     |
|-----------------|--------------|-------------------------------------|
| 1.º             | —            | ainda não é um limite               |
| 2.º             | cerca de 78% | o nível está a fazer alguma coisa   |
| 3.º             | cerca de 74% | as melhores probabilidades que verá |
| 4.º             | cerca de 71% | ainda boas                          |
| 5.º em diante   | cerca de 66% | a decair, e o rompimento mais perto |

O número em que o método assenta, e não é o que se cita. Um limite que aguenta quatro em cada cinco vezes soa a negócio; a coluna da direita é o que decide se é.

Aproximadamente três em cada quatro toques aguentam. É um número alto e é a origem tanto do atrativo do método como do seu perigo, porque um operador que viu quatro aguentar seguidos viu o caso corrente e vai tratá-lo como prova sobre o quinto.



O decaimento desenhado. Cada toque tem um pouco mais de probabilidade de ser o último do que o anterior, o que é exatamente o contrário do caso da tendência, onde a idade quase nada dizia. Aqui a idade informa, e aponta num só sentido.

Repare na direção do decaimento. O segundo toque é o mais forte e cada um a seguir é ligeiramente mais fraco, o que é exatamente o contrário do que o primeiro documento desta coleção encontrou para as tendências. Ali, a idade de uma série quase nada dizia sobre o seu futuro. Aqui a idade informa, e tudo o que diz são más notícias.

A assimetria entre essas duas descobertas não é coincidência, e é o tema da secção seguinte. Uma tendência que correu muito demonstrou algo sobre a sua própria persistência. Um intervalo que aguentou muito gastou parte da demonstração com que começou.

## 05

### O espelho

Operar intervalos é seguir a tendência refletido. Uma vez visto isso, quase todo o conselho sobre ambos torna-se dedutível em vez de memorizável.

|                      | Seguir a tendência        | Operar o intervalo               |
|----------------------|---------------------------|----------------------------------|
| Taxa de acerto       | cerca de um terço         | cerca de três quartos            |
| Ganho médio          | grande e sem limite       | pequeno, limitado pelo intervalo |
| Perda média          | pequena e fixa            | pequena até deixar de ser        |
| Onde está a cauda    | à direita, nos vencedores | à esquerda, nos rompimentos      |
| O que o mata         | pôr teto num vencedor     | não pôr teto num perdedor        |
| Como o erro se sente | longos trechos a perder   | uma única tarde                  |

Os dois métodos lado a lado nos números que os descrevem. Leia para baixo: cada linha está invertida. É uma distribuição vista de dois lados, e é por isso que os dois métodos falham de formas opostas.

Leia as duas colunas para baixo. As taxas de acerto invertem-se, os tamanhos de ganho invertem-se e as caudas trocam de lado. O primeiro documento descrevia um método que erra quase sempre e se paga com raros vencedores enormes. Este descreve um que acerta quase sempre e se cobra com raros perdedores enormes.



Cem operações de intervalo, ordenadas por resultado. As três primeiras barras são o negócio, e são agradáveis. A última é todas elas devolvidas, e chega sem aviso.

As barras tornam a aritmética concreta. Sessenta e oito operações em cada cem ganham dinheiro, vinte e duas nunca executam e dez rompem. Essas dez custam mais do que as sessenta e oito ganharam, e é por isso que a taxa de acerto é o sítio errado para olhar e o tamanho do décimo resultado é o certo.

O espelho explica também a forma dos erros. Os seguidores de tendência falham por pôr teto ao vencedor, porque o vencedor é desconfortável de segurar. Os operadores de intervalo falham por não pôr teto ao perdedor, porque o perdedor é desconfortável de aceitar. Ambos são o mesmo instinto aplicado a distribuições opostas, e ambos removem exatamente a parte que paga.

## 06

### A altura contra o custo

Antes de qualquer juízo sobre um intervalo concreto, há um filtro aritmético que elimina a maioria.

- Comece com** ● a distância de um limite ao outro
- Subtraia** ● o excesso para lá do qual o stop tem de ir
- Subtraia** ● a parte junto ao limite oposto, onde sai antes
- Subtraia** ● o spread, duas vezes, e o custo de manter
- O que resta** ● é a operação, e muitas vezes não é nada

Porque a maioria dos intervalos não é operável antes de qualquer juízo. Cada degrau subtrai algo da distância entre os limites, e o que sobrevive lá em baixo é a operação.

Leia os degraus como subtração de uma só quantidade. A distância entre os limites é o que a operação poderia pagar. O stop tem de ficar para lá do excesso, e isso tira algo. A saída acontece antes do limite oposto, porque esperá-lo significa esperar pelos toques que falham, e isso tira mais. Os custos levam o resto.

| De limite a limite    | Depois do stop | Depois da saída | Depois de custos     |
|-----------------------|----------------|-----------------|----------------------|
| um intervalo estreito | 0,6×           | 0,4×            | abaixo do equilíbrio |
| um intervalo médio    | 0,7×           | 0,5×            | um positivo escasso  |
| um intervalo largo    | 0,8×           | 0,65×           | a operação           |

A mesma subtração sobre três intervalos de tamanho real. Só o mais largo sobrevive, e é por isso que um método que aceita todos os intervalos não é o mesmo que um que aceita os que valem a pena.

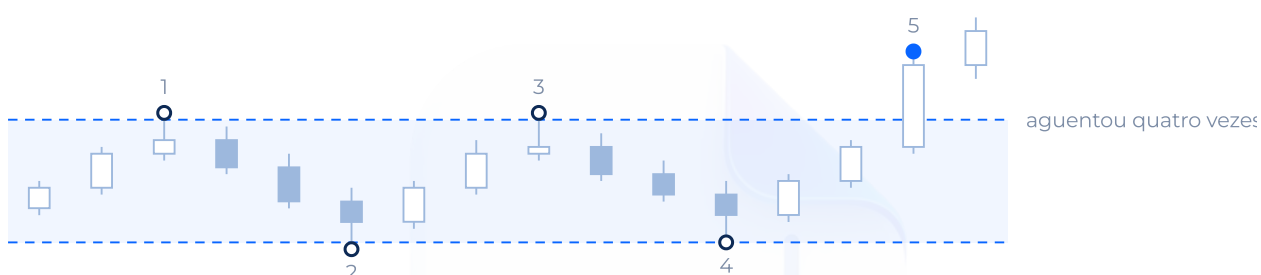
Sobre três intervalos de tamanho real só o mais largo sobrevive à subtração. Vale a pena fazê-la antes de decidir se um intervalo parece bom, porque parecer bom não é uma propriedade que a aritmética reconheça, e um intervalo estreito pode parecer tão limpo como um largo.

O filtro explica também uma experiência comum e cara. Quem aceite todos os intervalos que aparecem descobrirá que o método funciona no histórico e perde na vida, porque os intervalos estreitos demais para pagar eram também os mais numerosos e os mais fáceis de ver.

## 07

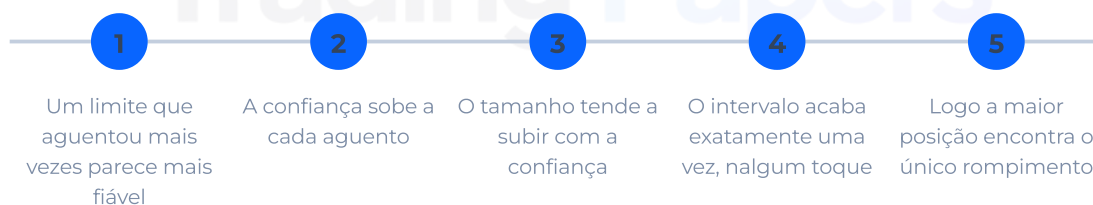
## A operação que não paga nada

Há uma operação que o método nunca deve aceitar, e a própria lógica do método recomenda-a.



A operação que o método nunca deve aceitar, desenhada no momento em que parece mais atraente. O limite aguentou quatro vezes, por isso o quinto toque é a entrada mais confiável que o padrão produziu, e é a entrada que está à frente do rompimento.

O limite aguentou quatro vezes. O quinto toque é portanto a entrada mais confiável que o padrão produziu, alcançada exatamente pelo raciocínio que o método ensina, e está à frente do rompimento.



Porque a armadilha está dentro do método e não se sai dela a raciocinar. Cada passo está certo isolado, e seguir os cinco por ordem põe a maior posição no pior momento.

Cada um desses cinco passos está certo isolado. Um limite com mais aguentos atrás tem mais provas atrás. A confiança devia acompanhar as provas. O tamanho tende a

acompanhar a confiança. E um intervalo acaba exatamente uma vez, nalgum toque, que por construção é tardio.

Por isso a armadilha é estrutural. Não é descuido, é o método executado com fidelidade, e não se resolve tendo mais cuidado no quinto toque. O que quebra a cadeia é o terceiro passo: recusar que o tamanho acompanhe a confiança, para que o toque que rompe custe o mesmo que o que aguenta.

## 08

### Onde vai o stop

A distribuição de excessos de há pouco faz agora o seu trabalho, porque resolve onde o stop pertence.



Três stops na mesma operação. O primeiro está na linha e é retirado por um excesso corrente que depois se resolve a seu favor. O segundo está para lá da distribuição de excessos e sobrevive. O terceiro está tão longe que a operação já não o consegue pagar.

Três stops numa operação. Na linha, um excesso corrente retira-a e a operação resolve-se depois na direção em que foi colocada. Para lá do excesso, a mesma vela deixa-a em paz. Muito longe, sobrevive a tudo e a perda que acaba por levar é maior do que o intervalo alguma vez poderia ter pago.

| Stop colocado      | Saltou | Perda média | Total |
|--------------------|--------|-------------|-------|
| Na linha           | 44%    | 0,5R        | +9R   |
| Para lá do excesso | 19%    | 1,0R        | +38R  |
| Muito longe        | 9%     | 2,8R        | -4R   |

As mesmas com operações com três colocações de stop. A linha do meio não é um meio-termo entre as outras duas; é a única onde perdas e ganhos têm o tamanho que o método pressupunha.

O registo é inequívoco. Um stop na linha converte operações vencedoras em perdas pequenas, e é por isso que salta mais do dobro da linha do meio. Um stop muito longe converte uma perda gerível numa ingerível. A linha do meio não é um meio-termo; é a única colocação onde ganhos e perdas têm o tamanho que o método pressupunha.

A regra que se segue é curta. Ponha o stop para lá do excesso medido, não para lá de uma distância que pareça confortável, e se o stop resultante for largo demais para o intervalo o pagar, a resposta é saltar o intervalo em vez de mover o stop.

## 09

### O tamanho e a cauda esquerda

Num método com cauda esquerda gorda, o tamanho da posição é o método. Nada mais decide se o rompimento é sobrevivível.

|                           | Tamanho fixo pequeno                                     | Tamanho a subir com a confiança                  |
|---------------------------|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------|
| Enquanto o limite aguenta | Ganhos pequenos e constantes.<br>Discretos e duradouros. | Ganhos mais rápidos, e o registo parece melhor.  |
| Quando rompe              | Uma perda que a conta absorve.                           | A perda chega ao maior tamanho alguma vez usado. |

Porque o tamanho não é um tema à parte num método com cauda esquerda. A célula inferior direita é onde uma longa série de limites aguentados coloca em silêncio um operador, e é a célula onde chega o rompimento.

A grelha tem uma célula perigosa e o perigo está em como se lá chega. Ninguém escolhe o tamanho máximo por capricho. Chega-se lá depois de uma longa série de acertos, cada um a somar provas, e o tamanho que encontra o rompimento é o maior alguma vez usado precisamente porque as provas eram mais fortes mesmo antes.

| Tamanho               | Em 40 aguentos | O rompimento custa | Líquido |
|-----------------------|----------------|--------------------|---------|
| Fixo 1%               | +40R           | -6R                | +34R    |
| Fixo 2%               | +80R           | -12R               | +68R    |
| Subido a cada aguento | +126R          | -94R               | +32R    |

O mesmo limite, o mesmo rompimento, três políticas de tamanho. A última linha não é imprudência; é a resposta humana corrente a uma série de acertos, e é o que transforma um método que funciona numa única tarde má.

A terceira linha é a aritmética dessa chegada. Subir o tamanho a cada aguento ganha metade a mais ao longo de quarenta aguentos, e depois devolve quase tudo numa tarde. Quem fez isto não foi imprudente. Respondia às provas, no único método onde responder às provas é o erro.

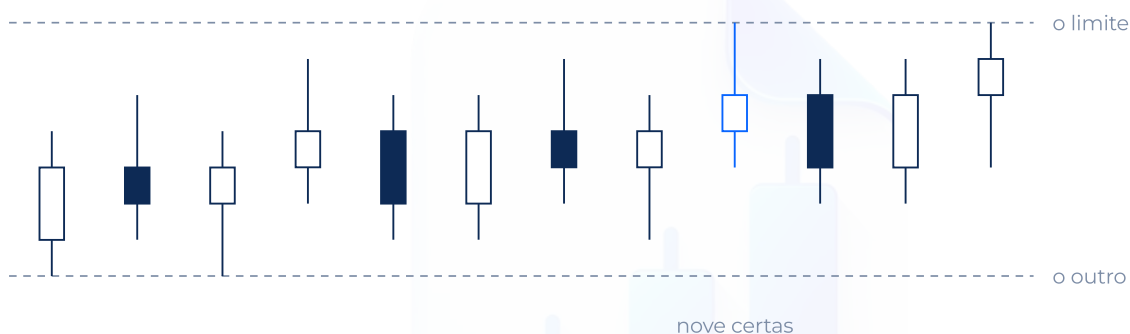
Por isso a regra de tamanho para intervalos inverte a intuição que o padrão constrói. O tamanho tem de ser plano entre toques, e se variar deve descer quando o número do toque

sobe, porque a taxa de aguento desce com ele. Um método que sobe o tamanho no quinto toque organizou ser maior exatamente onde é mais fraco.

10

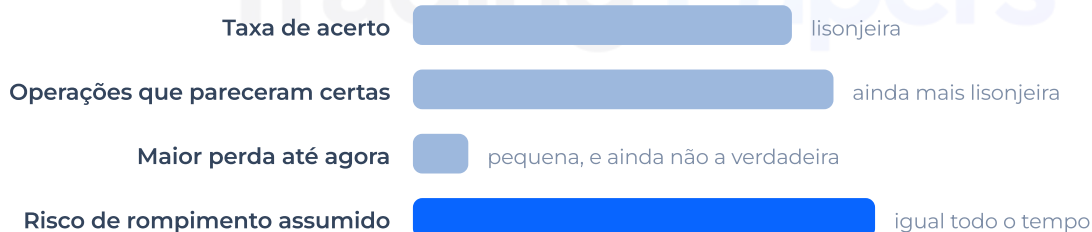
## Como se sente por dentro

A experiência de operar intervalos é a razão de o seu risco ser carregado tanto tempo sem se notar.



O que o método entrega entre rompimentos. Onze operações, nove certas, nenhuma interessante. Este trecho é a razão de operar intervalos ser fácil de continuar a fazer e difícil de continuar a dimensionar bem.

Onze operações, nove certas, nenhuma memorável. É isto que o método entrega entre rompimentos, e dura semanas. Nada no trecho é entusiasmante e nada nele é alarmante.



O próprio registo do operador nesse trecho, e porque engana. Toda a medida que uma pessoa verifica por instinto diz que o método funciona, e todas se calam sobre o único número que o decide.

O registo desse trecho diz que o método funciona, e toda a medida que oferece é verdadeira.

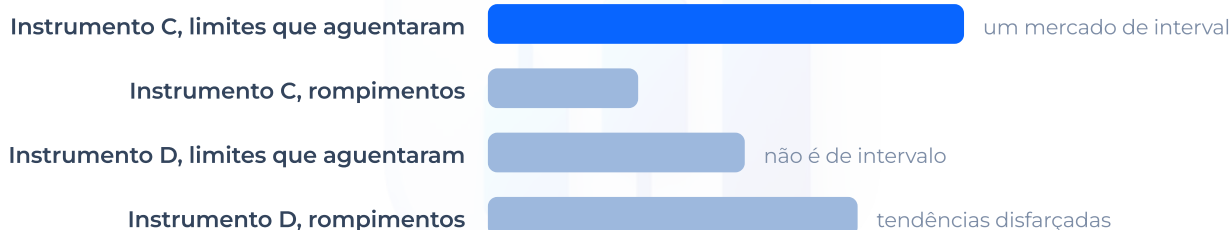
A taxa de acerto é alta. As operações pareceram certas. A maior perda até agora é pequena. Nenhum desses números tem algo a dizer sobre o rompimento, porque o rompimento não aconteceu e o seu tamanho não depende de como correram as quarenta anteriores.

Compare isto com o relato do primeiro documento sobre seguir tendências, onde a dificuldade era uma experiência longa e ininterrupta de estar errado. Aqui a dificuldade é a contrária e mais difícil de defender: uma experiência longa e ininterrupta de ter razão, indistinguível de um método que deixou de carregar risco.

## 11

### Que mercados estão mesmo em intervalo

A forma descrita até aqui é comum. Os números que a preenchem não são, e dois instrumentos podem parecer idênticos num gráfico enquanto só um suporta o método.



Dois instrumentos contados no mesmo período. O primeiro passa quase toda a vida entre limites que aguentam; o segundo parece igual num gráfico e produz metade dos aguentos, porque os seus limites são atravessados em vez de respeitados.

O instrumento C aguenta três quartos dos seus toques. O D aguenta menos de metade, o que significa que os seus limites são atravessados em vez de respeitados, e o que um operador ali desenha como intervalo é uma tendência a fazer uma pausa.

|                               | Instrumento C | Instrumento D                  |
|-------------------------------|---------------|--------------------------------|
| Limites que aguentaram        | 76%           | 41%                            |
| Toques medianos até romper    | 6             | 2                              |
| Excesso para lá da linha      | pequeno       | grande e irregular             |
| Serve para operar intervalos? | sim           | não — a contagem diz tendência |

Os dois instrumentos nos números que decidem o método. O instrumento D é o que arruína operadores de intervalo, porque num gráfico não se distingue de C até a contagem ser feita.

A linha do meio é o sinal que um gráfico não consegue mostrar. Em C o limite mediano sobrevive a seis toques; em D sobrevive a dois. Quem tenha desenhado um intervalo de aspeto limpo em D está a olhar para um padrão que normalmente acaba antes da terceira entrada.

Este é o fracasso silencioso que corresponde ao que o primeiro documento descreveu para as tendências. A regra é seguida corretamente, as entradas são feitas no limite como se ensina, os stops são colocados como deve ser, e o instrumento nunca ia aguentar. Contar primeiro é o que separa um método mal executado de um executado com fidelidade no sítio errado.

## 12

### Quando o intervalo acaba

Um intervalo acaba uma vez, e dá algum aviso. O aviso é fraco, e tratá-lo como forte é um erro por si só.



Os sinais que precedem um rompimento, pela ordem em que aparecem. Os toques chegam mais juntos, cada um entra mais no limite, e os regressos ao meio ficam mais curtos. Nenhum dos três é decisivo, e os três juntos são o maior aviso que o padrão dá.

Três coisas mudam antes do rompimento. Os toques chegam mais juntos, cada um entra mais no limite, e os regressos ao meio ficam mais curtos. As três veem-se naquela figura e as três veem-se também antes de muitos intervalos que continuam durante meses.

| O que observa                 | O que significa                  | O que fazer                        |
|-------------------------------|----------------------------------|------------------------------------|
| Um excesso profundo           | corrente; a zona tem largura     | nada                               |
| Toques a chegar mais juntos   | prova fraca, comum antes de nada | nada                               |
| Cada regresso fica mais curto | o intervalo está a comprimir     | esperar menos, sair antes          |
| Os três ao mesmo tempo        | o melhor aviso disponível        | reduzir a metade, ou ficar de fora |

O que fazer perante cada sinal, que em dois casos de quatro é nada. A última linha é a única que pede ação, e o que pede é menos tamanho em vez de uma previsão.

A tabela é deliberadamente pouco entusiasmante, porque em dois casos de quatro a resposta certa é não fazer nada. Um excesso profundo não prova nada; a zona tem largura e os toques fundos fazem parte dela. Toques a chegar mais juntos acontece constantemente antes de nada.

A última linha é a única que pede ação, e o que pede é menos tamanho em vez de uma

previsão. Essa distinção importa. Prever o rompimento exige acertar no momento; reduzir o tamanho a metade exige apenas notar que as provas enfraqueceram, coisa muito mais fácil de acertar.

## 13

# Contá-lo por si

Cada número deste documento é um que pode produzir para o seu próprio instrumento, e os valores daqui valem menos do que os seus.



Como produzir a taxa de aguento do seu próprio instrumento. O segundo passo decide todos os números seguintes, e escrevê-lo é o que torna a contagem repetível em vez de uma impressão.

O segundo passo decide todos os outros. O que conta como toque, e o que conta como rompimento em vez de excesso, são escolhas, e outro par de escolhas produz outra taxa de aguento com os mesmos dados. Escreva ambas antes de começar.

| O número                    | O que resolve                      |
|-----------------------------|------------------------------------|
| Aguento por número de toque | se o quinto toque é uma operação   |
| Distribuição de excessos    | onde vai o stop                    |
| Altura mediana do intervalo | se a operação cobre os seus custos |
| Pior rompimento único       | que tamanho consegue carregar      |

Os quatro números que a contagem produz e a decisão que cada um resolve. O último decide se o método pertence sequer a este instrumento.

Os quatro números resolvem quatro decisões. O aguento por número de toque diz-lhe se o quinto toque é uma operação. A distribuição de excessos diz-lhe onde vai o stop. A altura mediana diz-lhe se a operação cobre sequer os seus custos.

O último número é diferente na sua natureza, porque não é sobre o método. O pior rompimento único da sua amostra é um facto sobre o que terá de absorver, e deve ser confrontado com o seu tamanho e não com a sua confiança. Um rompimento que não consegue carregar ao tamanho atual é um rompimento que acaba a conta em vez da operação.

## 14

### O que isto não resolve

Três limites, e depois a versão curta.

| O limite                      | O que significa aqui                                |
|-------------------------------|-----------------------------------------------------|
| Um intervalo ganha nome tarde | nunca opera a sua primeira metade                   |
| As taxas mudam com o regime   | reconte; o número não é constante                   |
| A definição decide a contagem | outra regra de toque e rompimento dá outros números |

Três limites, no espírito do resto desta biblioteca. Nenhum salva o conselho, e nenhum é razão para saltar a contagem.

O primeiro é estrutural e não tem remédio. Um intervalo ganha nome depois de se repetir, por isso a metade mais barata de operar já foi sempre. Qualquer método que afirme apanhar intervalos cedo afirma identificar a repetição antes de ela se repetir.

O segundo é a cautela corrente sobre qualquer contagem. As taxas de aguento mudam com o regime, e uma taxa medida em dois anos calmos descreve esses dois anos. Reconte periodicamente, e trate uma taxa a cair como informação sobre o instrumento e não sobre a sua sorte recente.

O terceiro é a dependência sobre a qual este documento se apoiou todo o tempo. O que

conta como toque e o que conta como rompimento são regras que você escolheu, e todos os números daqui se movem quando elas se movem. Não é uma falha da contagem; é a exigência de declarar a regra ao lado do resultado, a mesma que o documento sobre a estrutura fez à regra dos pontos de reversão.

| Termo     | Como é usado aqui                                                        |
|-----------|--------------------------------------------------------------------------|
| Intervalo | um trecho onde um limite devolveu o preço pelo menos duas vezes.         |
| Limite    | a zona onde essas reversões aconteceram, não a linha traçada entre elas. |
| Toque     | uma vela que alcança a zona do limite, atravesse-a ou não.               |
| Excesso   | quanto um toque passou para lá da linha antes de virar.                  |
| Aguento   | um toque que voltou para dentro; um rompimento é um que não voltou.      |
| R         | uma unidade de risco planejado: a distância da entrada ao stop.          |

Os termos que este documento usa num sentido fixo. Mantêm o mesmo significado no resto da biblioteca.

O resumo útil são três frases. Um intervalo é uma descrição aplicada depois de um limite ter aguentado duas vezes, por isso opera sempre a sua metade tardia, e os toques tardios são os mais próximos do rompimento. A vantagem do método é uma taxa de aguento alta, cerca de três toques em quatro, que decai devagar à medida que o número do toque sobe — o espelho do seguimento de tendência, cuja taxa de acerto era baixa e cuja cauda estava do outro lado. O que reduz o método inteiro a uma obrigação: mantenha o tamanho plano enquanto a confiança sobe, porque o intervalo acaba exatamente uma vez e acaba no toque de que estava mais certo.

Conteúdo educativo apenas. Nada neste documento é aconselhamento financeiro, e nenhuma parte é recomendação de compra ou venda.